

# OCCIDENTE

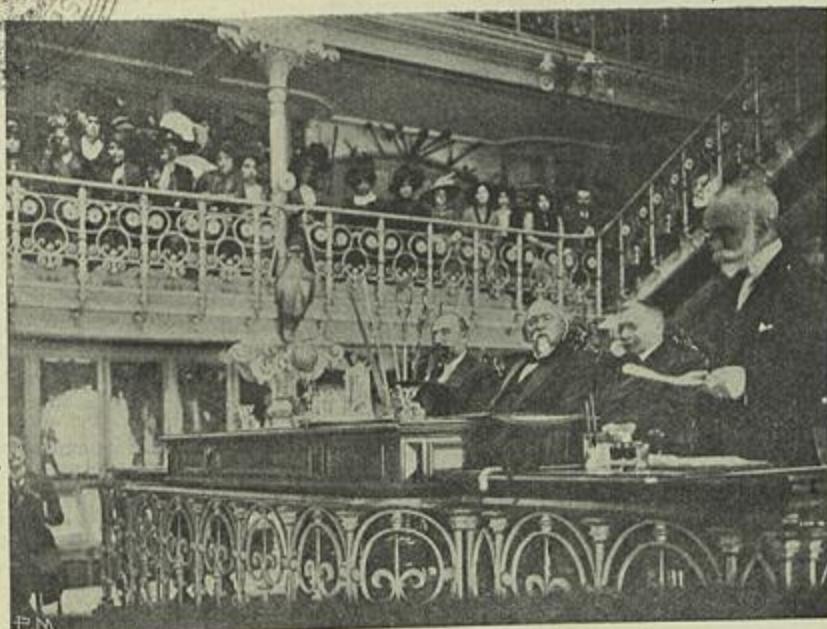
REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-prorietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º	35.º Anno — XXXV Volume — N.º 1199	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
	36 n.º	18 n.º	9 n.º	á entrega		
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	5950	120	<b>20 de Abril de 1912</b>	
Possessões ultramarinas (idem) .....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		

## Terceiro Congresso Pedagógico

(Veja chronica Occidental)



SESSÃO INAUGURAL DO CONGRESSO, SUA EX.ª O PRESIDENTE DA REPUBLICA, PRESIDINDO Á SESSÃO, SECRETARIADO PELOS SRs. DR. ANIBAL DE MAGALHÃES E BORGES GRAINHA, E O PRESIDENTE DA LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO, SR. DR. BERNARDINO MACHADO LENDO O DISCURSO.

### CRONICA OCCIDENTAL

A instrução publica é a questão magna que em Portugal ha mais de meio seculo vem ventilando-se, nos discursos academicos, nas pugnas parlamentares, nas conferencias publicas, em congressos, nos artigos de fundo dos jornaes á falta de assuntos politicos, em grossos volumes e folhetos, numa cornucopia de erudição, de projectos, de alvitres, que bem poderia supôr se neste largo decorrer de tempo, ter-se resolvido o problema, encontrado o x da incognita.

Pois não está resolvido!

Muito foi acusado o antigo regimen, e com razão, de não resolver o problema, conservando a instrução num atrazo, numa rotina secular, sem atender aos progressos do ensino e da pedagogia, realizados noutros povos.

Então todas as esperanças se viraram para um novo regimen politico, que viesse resolver o complicado problema, e esse novo regimen propôs-se finalmente resolvê-lo, principiando por decretar uma reforma do ensino primario vasada nos modernos moldes desse ensino, para que ele corresponda cabalmente ás exigencias da epoca, ás necessidades do povo.

Resolveu-se efétivamente o problema?

Parece que não!

Vae-se vêr.

Reuniu ha poucos dias o Terceiro Congresso Pedagógico, na sala Portugal da Sociedade de Geografia. A' sessão de abertura presidiu o pri-

meiro magistrado da Republica, saudado á entrada, na sala, pelo hino nacional e pela numerosa e seleta assistencia.

A direcção da Liga Nacional de Instrução, pro-

motora do Congresso, achava-se presente, composta dos srs. dr. Bernardino Machado, presidente, Borges Grainha e dr. Anibal de Magalhães, secretarios, Julio Cardona, Miguel Wagner Russell e Antonio Francisco dos Santos.

O sr. dr. Bernardino Machado saudou, num bellissimo discurso, o sr. Presidente da Republica, o antigo professor de linguas e propagandista, chefe de uma pequena republica coimbrã, de que fazia tambem parte Augusto Fuschini, cuja morte lamenta, assim como a do sabio e insigne professor Consiglieri Pedroso. Diz que a escola e a officina, tendem agora a confundir-se, que o professor tem que ser como que o governante de uma democracia. O homem vae sendo o mestre do homem, e bem assim mais da familia e do cidadão.

Depois toda a assembleia se pôe de pé para ouvir as palavras de sua ex.ª o Presidente da Republica, que diz «ter plena confiança no professorado primario, ao qual estava entregue a formação das novas gerações» convidando, por fim, aos membros do Congresso que teria muito prazer em os receber no palacio de Belem.

Com isto se encerrou a sessão inaugural.

Realisou depois o Congresso as suas sessões ordinarias e aqui se começam a discutir as theses, as emendas, as propostas, os alvitres, tudo, emfim, que conduza a melhorar o ensino e a propagal-o. Não poucos são os membros do Congresso que se empenham nestas discussões.

O sr. Ismael Pimentel apresenta a seguinte proposta:

«O Congresso aprova, como meio de interessar as camadas populares na resolução do problema educativo: 1.º a mobilisação das escolas do ensino livre pela sua federação; 2.º criação de



OS CONGRESSISTAS E ASSISTENCIA

(Clichés da «Mala da Europa»)

camaras radicaes escolares, constituídas por delegados eleitos por centros, colégios, comissões municipaes e paróquias e associações particulares; 3.º que estas camaras funcionem em periodos regulares de seis em seis mezes, elegendo uma comissão executiva, que dará cumprimento ás suas deliberações; 4.º que estas camaras teem especialmente como objectivo apreciar e discutir leis, regulamentos e alvitre que tendam ao aperfeiçoamento de programas e métodos de ensino nas escolas primarias; 5.º auxiliar a acção dos governos em tudo quanto possa concorrer para melhorar as condições das instalações escolares de ensino livre, servindo de intermediárias da opinião publica; 6.º estabelecer relações de união com todas as sociedades de beneficencia, para que esta possa aproveitar aos alunos pobres das escolas gratuitas.»

O sr. Cesar da Silva apresenta uma moção, cujo resumo é para que o Congresso seja o meio de levar a instrução a todas as aldeias.

O sr. Antonio Ferrão propõe para que o Congresso emita a sua opinião sobre o decreto de 29 de março de 1911 (já lá vae mais de um ano) que reformou o ensino primario, e pede para que seja

sobre os cursos noturnos e entende que se devem tornar atraentes, por meio de palestras educativas que os professores façam, tendo em vista tornar conhecido do povo as belezas e riquezas do país, sobretudo dos nossos dominios ultramarinos, publicando tambem folhetos sobre este assunto, para distribuir pelo povo.

Aqui temos um alvitre que não se poderá executar sem aumento de despeza, além da dificuldade de o pôr em pratica; mas emfim isso é com o sr. Alberti.

Agora é o sr. Manuel Nunes Godinho que apresenta varias emendas á ultima lei de instrução primaria.

Continua o Congresso a achar defeitos na dita lei, pelo que parece ainda não se resolver o problema.

Mas agora temos peor. O sr. Francisco Joaquim Nunes, lê um seu relatorio sobre leis de instrução primaria, afirmando que elas teem sido feitas por quem não conhece os serviços prestados pelos professores, nem as suas necessidades.

A cronica concorda plenamente com as afirmações do sr. Nunes. De facto, os legistas teem considerado até aqui os professores primarios como

se alcança com *ginástica científica, verdadeiramente científica*, porque tem o seu fundamento na anatomia e na fisiologia, cujos elementos, tempo virá, tenho fé, serão vulgarizados e adquiridos entre todos que teem por função social educar e instruir sadia e fecundamente.

Sobre o mesmo assunto o sr. dr. Anibal de Bencourt diz ser indispensavel organizar um corpo privativo de medicos sanitarios, e suficientemente remunerados para que possam entregar-se exclusivamente ao desempenho destas funções.

E' excelente esta tese, mas dela resulta necessariamente aumento de despeza, o que mais vem complicar o problema da instrução publica.

O sr. Manuel Antunes disserta sobre a necessidade de regulamentar o ensino primario.

Pelo que se vê o sr. Antunes ainda não considera regulado o ensino.

A sr.ª D. Ana Calixto discreta sobre a educação moral da creança e a sr.ª D. Amalia Luazes propõe que das escolas primarias seja banida a obrigatoriedade do *ensino moral*.

Nestas circunstancias o que a sr.ª D. Amalia Luazes não explica se esse ensino deve ser substituido pelo *imoral*.

O sr. Virgilio Santos apresenta a tese: *Educação na escola primaria — Trabalhos manuaes, sua importancia e necessidade da sua organização oficial*. Esta tese é muito discutida, não obstante o assunto já fazer parte da nova lei de instrução primaria, e estarem adotados nos liceus os trabalhos manuaes; mas emfim não é mau insistir no mesmo.

Por fim, ao encerrar os trabalhos do Congresso, todos se dão por satisfeitos com os resultados e, principalmente, se se conseguir a criação de um ministerio de instrução publica.

De facto, este seria o meio mais positivo para experimentar a possibilidade de resolver o intrincado problema, porque se o não resolvesse, era tirar por uma vez o sentido de ahi e acabar com o ministerio.

Chegadas as cousas a este ponto, a cronica não pôde deixar de ponderar que, se para produzir argamassa é preciso, cal, areia e agua, para produzir instrução primaria como se pretende e deve ser, é preciso dinheiro e professores competentes. Sem dinheiro não se pôdem criar as suficientes escolas normaes para, num praso razoavel, se habilitarem uns dez mil professores primarios que serão precisos para o ensino da população escolar; sem professores, todas as reformas e todos os congressos resultam infrutiferos, platonicos.

Agora se o leitor achar enfadonho o assunto desta crónica, tem um meio de se desfadard aprasivelmente visitando, se ainda o não fez, a exposição de ceramica das Caldas, de Costa Mota (Sobrinho) a que neste logar nos referimos em o numero antecedente, e que ainda se conserva aberta nas salas da redacção da *Luta*.

Verá que não se arrepende porque ali irá encontrar alguma coisa de positivo e de palpavel que lhe delicia o espirito e que não é simplesmente «para inglês vê.»

CAETANO ALBERTO.



## Viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

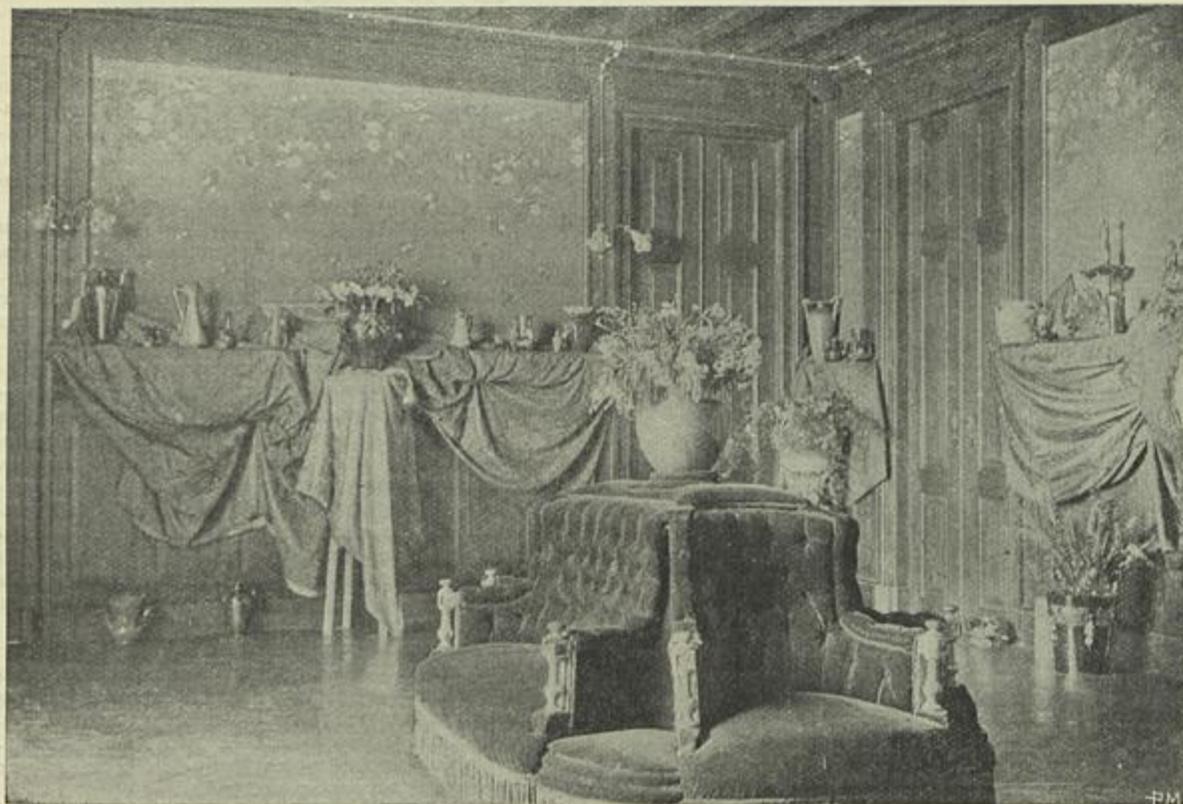
(Concluido do n.º 1197)

### Navegação

#### Navegação astronomica

O desenvolvimento que tem tomado os serviços de artilheria, torpedos e electricidade tem feito com que muitos officiaes se dediquem a estas especialidades despresando o serviço de navegação.

E' isto um grande erro e segundo varios escriptores, a causa dos numerosos desastres que



EXPOSIÇÃO DE CERAMICA DAS CALDAS, DE COSTA MOTA (SOBRINHO) NAS SALAS DA REDACÇÃO DA «LUTA»

eleita uma comissão para dar parecer sobre a dita reforma, devendo a Liga enviar esse parecer ao parlamento.

Aqui começa a cronica a notar que no seio do Congresso se levantam duvidas sobre a eficacia da aludida reforma.

Mas continuemos a relatar o que se passa no Congresso e, agora é o sr. Antonio da Costa Oliveira que apresenta varios alvitre, para a extinção, ou, pelo menos, a redução do analfabetismo, sem aumento de despezas.

Estes alvitre deverão encontrar se com o espirito dos governos deste país, de fazerem reformas sem aumento de despezas, e estas sempre a crescerem.

Ainda o mesmo sr. congressista é de opinião que se lance um imposto a todos os cidadãos que cheguem aos trinta anos de idade sem descendencia, revertendo o imposto a beneficio da instrução da infancia.

Este alvitre deve ter, a estas horas, merecido os agradecimentos dos solteiros e dos impotentes. Cidadãos portugueses tratae de arranjar descendencia.

A sr.ª D. Amalia Luazes, faz largas considerações sobre a critica situação dos professores da aldeia em contraste com os das cidades.

Sobre isto a cronica não pôde deixar de observar a dificuldade que haverá em avaliar qual dos dois estará melhor, visto que relativamente a sua situação é a mesma. Isto é, nenhum deles é devidamente recompensado.

O sr. Ricardo Rosa Alberti faz considerações

individuos fóra da regra geral, não atendendo as suas necessidades, inclusivé até a de comer.

A sr. D. Amalia Luazes quer um instituto destinado aos filhos dos professores, o que faz supôr que os ditos filhos se encontram nas circunstancias de «em casa de ferreiro espeto de pau!»

A mesma congressista, fazendo a apologia da libertação da mulher, dá a novidade, de que «a virtude é muita vez abalada pela necessidade do lar.» Esta senhora ainda insta pelos cursos noturnos para o sexo feminino, e que se condenem os serões nas fabricas que impedem as operarias de frequentar aqueles cursos.

Nestas circunstancias ha a ponderar que, ou as operarias perdem os salarios correspondentes de que vivem, ou para se instruirem terão de morrer de fome.

O sr. Artur Fernandes da Rocha lê a sua tese: *Doenças contraidas na escola e seus remedios*, concluindo assim:

«Concluindo, direi que é necessario que essa missão tenha um resultado pratico, e que será educando, fisicamente primeiro, a maneira de se conseguir colocar o povo português, que somos todos nós, na altura que, por multiplas razões, lhe pertence na civilização mundial.

«O futuro de Portugal está nas escolas» e a primeira a frequentar será a que ensina na própria Natureza, porque proporciona a melhor Vida Fisica, seguindo-se-lhe, pela idade fóra, a frequência graduada das outras, onde jámais faltará, ao lado da educação psiquica — a *motriç* que só

nos ultimos annos tem soffrido a marinha franceza.

Representa hoje um navio de guerra um capital valiosissimo em vidas e em valores e depois de enalhado ou no fundo, a artilheria ou torpedos, por mais perfeitos que sejam, não servem para nada.

A bordo do *S. Gabriel*, durante esta longa viagem, tem-se seguido o systema usual de fazer um calculo de longitude pela manhã e o calculo de latitude ao meio dia. Quando porém ha necessidade de ter a posição exacta durante a noite ou de madrugada devido a demandar portos ou passar em sitios perigosos, fazem-se por occasião do crepusculo calculos de rectas de altura de estrellas, planetas e da lua. Tambem fizemos no Pacifico calculos pelo cometa de Hilley. Tomando simultaneamente quatro alturas de estrellas cujos azimuths diffiram de perto de 90 graus, obtm-se quatro rectas de altura, duas a duas quasi perpendiculares entre si e distantes d'uma quantidade pequena que representa os erros: pessoal, do instrumento e do horisonte. Não sendo as rectas paralellas, em vez de se tomar a parallela media toma-se a bissectriz do angulo que formam. E' este, no meu entender, o mais exacto calculo que se pôde fazer a bordo.

## Erros

Todos os officios, incluindo o comandante, faziam os calculos diarios. Faço diariamente tres calculos, não por falta de confiança no official encarregado da navegação, que tenho a maxima, mas para não perder a pratica de trinta annos: calculo de latitude pela altura meridiana ou circummeridianas do sol e dois calculos de longitude pela manhã: o horario com correcção Pagel, tirando o azimuth das taboas de Labrosse e a correcção das taboas de Johnson, e outro para verificação, calculo do ponto approximado de Villarceau e Magnac, variante do methodo de St. Hilaire mas tendo a vantagem de empregar os logarithmos das tangentes, o que dá maior approximação não interpolando. A maioria dos officiaes e todos os guardas-marinhas empregam o processo de St. Hilaire servindo-se das taboas dos nossos camaradas Fontoura e Coutinho.

Foi-me pedido para comparar as vantagens e inconvenientes das diferentes taboas. E' isso muito difficil porque todos preferem aquellas a que se habituaram.

Tenho feito calculos pelas taboas de Raper, Inman, Houell, Martelli, Estrada, Banhos, Fontoura e Coutinho, etc., mas como — «on revient toujours à ses premiers amours» — por mais taboas que inventem, preferirei sempre as de Norie de que me sirvo ha mais de trinta annos. Sei de cór, os numeros das taboas que desejo, abro o livro instinctivamente no sitio preciso, etc. Os officiaes servem-se das taboas de Norie, Houell e Fontoura. Para a estima, todos preferem as taboas estrangeiras, por isso que as portuguezas obrigam muitas vezes a interpolações que complicam o calculo e pôdem dar logar a enganar. As taboas de Banhos só teem distancias até 300 milhas, as de Fontoura até 200 e as Polytelicas até 20, ao passo que as de Norie, por exemplo, teem até 600 sem ser necessaria interpolação.

## Navegação estimada

Em vista das experiencias realisadas na Alemanha a bordo de navios da marinha de guerra com gyroscopios, parece que brevemente serão por elles substituidas as actuaes agulhas magneticas. A bordo do couraçado *Deutschland*, uma agulha gyroscopio, no fim d'um mez apenas, fez differença d'um grau (Dr. Anschutz, Kiel, *Kreisel Kompass*, 20:000 rot., 20:000 mark., 5 contos). Emquanto, porém, esta substituição se não der, será a actual agulha magnetica a base de toda a navegação. A bordo do *S. Gabriel*, como a bordo de todos os navios inglezes, só nos servimos de rumos magneticos, o que muito facilita as marcações, o soltar os rumos e a navegação em geral ao mesmo tempo que evita enganar. Quando os desvios se mantem pequenos, de um ou dois graus o maximo, o que sempre se consegue, o rumo d'agulha pôde ser tomado pelo rumo magnetico, o que é de grande vantagem á entrada dos portos ou paragens difficeis. O unico inconveniente do emprego dos rumos magneticos é a variação annual da declinação. Essa, porém, é muito pequena e para obviar a esse inconveniente as rosas dos ventos nas cartas do almirantado inglez veem traçadas com a variação para uma data futura. As que temos a bordo referem-se a 1913. Parecia-me conveniente que na Escola Naval se ensinasse a navegar empregando

os rumos magneticos. O que se tem passado com a nossa agulha padrão (Lord Kelvin) é muito interessante e faz parte d'um relatorio do encarregado de navegação. O systema de nunca mecher nas barras e esferas compensadoras seria na nossa viagem tudo quanto ha de mais retrogrado e inconviniente.

O *S. Gabriel* é um navio demasiado pequeno para que se possa avaliar a sua marcha unicamente pelo numero de rotações das helices. Só em muito boas condições de tempo poderá este processo dar resultados de confiança. Usamos portanto uma barca patente *Neptune* de Walker com mostrador na pôpa e transmissão para outro na casa de pilotagem. As indicações d'esta barca, regulado o comprimento da linha para o navio, são bastante exactas para as velocidades usuas.

Tem funcionado sempre bem, tendo-se perdido um helice no Oceano Indico parece que arrancado por um tubarão.

A. PINTO BASTO.  
Capitão de fragata

## Questões d'arte

Um artista esquecido, Johann-Rudolph Zumsteeg  
(1760-1802)

## III

Os alumnos da Karls-Schule passavam uma existencia que não passavam outros horisontes a não ser os muros de Stuttgart. Desde as suas entradas nas escolas os alumnos ficavam separados das suas proprias familias, nem podiam deixar a cidade sem um pedido em fórma. Os artistas eram mal pagos; mesmo assim Zumsteeg foi dos que recebeu maior salario.

Quando Zumsteeg ficou livre, entregou-se a uma vida bastante movimentada, pelas ruas e cafés. Schiller com a farda de militar, era quem commandava estas reuniões, muitas d'ellas realisadas no castello de Hohen-Asperg onde estava o poeta musico Schubart.

Quando mais tarde se prepararam festas em honra da visita do futuro *tsar* Paulo I, genro do seu irmão F. Eugen, quatro compositores, Poli, Gauss, Dieter e Zumsteeg receberam o convite de escreverem uma opera italiana sobre um libretto de Verazzi. Uma segunda obra do mesmo auctor *Le delizie campestri*, foi composta musicalmente por Zumsteeg, sósinho. N'esta epoca desponta no coração de Zumsteeg a flôr sagrada do amor.

N'esse tempo varios estudantes frequentavam a casa do dr. Andreae fallecido ha poucos annos. Duas raparigas ali estavam como chamariz áquella mocidade cheia de vida, Ninna e Luiza. A primeira, mais tarde amada de Schiller, tinha um genio bastante *coquette*, gostava de ouvir as homenagens que lhe rendiam. Luiza era d'um temperamento triste, grave e pensativo. Com um character assim não nos devemos admirar que desde logo despertasse uma certa attracção em Zumsteeg!

Eram duas almas para se comprehenderem. Mas que luctas iriam nascer! A familia de Andreae vivendo em uma epoca em que os preceitos sociaes possuíam um grande peso, não podiam ver em Zumsteeg senão o filho do laçao. O seu talento, a sua posição de compositor eram coisas de pouco valor!

Mas separar Luiza, de Zumsteeg é que era agora difficil!

A recepção do gran-duque Paulo, tinha varios preparativos, e Luiza por consequente encontrou-se sempre com o novel compositor. Este apparecia sempre de casaca azul com gola de veludo; procurando fazer traduzir o seu grande amor mais pelas obras musicas que lhe dedicava do que pelas conversas que tinha com ella.

No começo do anno de 1783 a familia teve a leviandade de affastar Luiza, de Stuttgart, prudencia ridicula que muitas familias ainda hoje possuem, sem pensarem um minuto que o amor verdadeiro não *conhece distancias*! Os espiritos dos dois amantes irritaram-se e o casamento que a familia julgava estar esquecido, cada vez estava mais proximo! Eis a alegria de quem ama, enganar aquellos que lhes são tyranos.

Zumsteeg porém pensava em ganhar melhores meios de fortuna, por isso lançava mão de tudo

que lhe pudesse grangear alguma coisa. Assim occupou-se d'uma typographia de musica que ficou anexa á Academia. Começou por fazer varias edições das operas de Jomeli, as que tinham sido offerecidas ao duque, e cujas partituras eram consideradas como verdadeiros thesours.

Mas a maior parte já não gostava da musica de Jomelli, os gostos tinham-se evolucionado. Zumsteeg pensou então em fundar um jornal musical, já em moda n'aquella epoca, e que deveria offerecer aos seus assignantes varias peças de musica, pequenas arias em italiano, allemão e em francez. Convidou os seus antigos condiscipulos Abeille, Dieter e Eidenbenz, os professores Deller e Boroni não fôram esquecidos. Mas, como hoje, apenas um trabalhava, e este era Zumsteeg. Assim de 61 trechos, 28 não eram d'elles! Taes eram *lieders*, hollodosinho, uma cavatina italiana e uma grande aria allemã.

Zumsteeg para fingir que tinha uma grande redacção, assignava os artigos com nomes diferentes. A edição era de luxo, por isso a *Musikalische Monatschrift für Gesang und Klavier* foi sempre um brinde magnifico.

Zumsteeg depois de ter revelado tanto interesse pela typographia e revista, achava-se com o direito de pedir ao duque uma maior mensalidade. O pedido foi recebido com a maxima cólera por parte do duque, pois este era contra o casamento do compositor. Porém valeu lhe o coronel Christoph Dionysius von Seeger, que convenceu o duque a ver com bons olhos o casamento de Zumsteeg. Este obteve 400 florins com os quaes podia já casar.

Esta quantia veio em optima occasião pois um escandalo appareceria!

Zumsteeg casou com Luiza em 19 de novembro de 1783; *tres mezes depois nascia o primeiro dos seus sete filhos!*

Zumsteeg escreveu logo ao seu querido Schiller «já estou casado, imagina tu, casado com uma Andraein!» Mais cartas o compositor enviou a Schiller, pedindo-lhe um libretto para uma opera. Nunca teve resposta. Porém um bello dia Schiller respondeu-lhe uma longa carta, a primeira que elle escreveu a um dos seus antigos companheiros da *Karls-Schule*; a carta convidava os noivos a irem até Mannheim para assistirem ás representações dos *Brigões* e de *Fiesque*. Os noivos não poderam acceitar porque tinham de fazer varios preparativos na sua nova casa.

(Continúa.)

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

## O Teatro Classico

## Serau no Teatro Nacional pelos alunos do Conservatorio

O publico que, na noite de 10 do corrente, encheu a sala do teatro Nacional Almeida Garrett, assistiu a um espectáculo de completa novidade em Lisboa, podendo apreciar obras classicas do teatro grego, latino e indiano, interpretadas por alumnos da Escola de Arte de Representar, do Conservatorio de Lisboa de que é director o primoroso poeta e dramaturgo sr. dr. Julio Dantas.

Ante a seléta assistencia, em que se contava sua Ex.<sup>a</sup> o Presidente da Republica e os ex.<sup>mos</sup> presidente do ministerio, ministros das finanças, da guerra e seus secretarios, decorreu o apreciavel espectáculo, que abriu por uma conferencia sobre o teatro grego, latino e indiano, pelo sr. dr. Alexandre Braga.

Basta citar o nome deste eloquente orador para se fazer ideia do brilho e primor de linguagem com que dissertou sobre o bello da arte grega e fantastica e misteriosa arte Indú com todo o maravilhoso da sua idolatria.

A conferencia seguiu-se a representação do *Episodio do justo e do injusto* e *Os Passaros*, sendo a primeira desempenhada pelos alumnos srs. Luis Ripado, Otélo de Figueiredo e D. Maria Gorin, e a segunda muito bem recitada pela aluna D. Beatriz d'Almeida.

Estas duas composições são de Aristofanes, o primeiro poeta comico da Grecia, que viveu no ano 450 antes de Cristo. As suas primeiras comedias *Datalianss* e *Babilonios*, não são hoje conhecidas, mas o seu repertorio é grande, pois se eleva a cincoenta e quatro comedias, a maior parte apenas conhecidas por fragmentos.

Aquelas de suas obras que os estudiosos hoje conhecem mais completamente são: *As nuvens*,

A paz, Os Acharnianos, As vespas, Os Cavaleiros, Assembleia de mulheres, As rãs, Tesmoforias, Lysistrata. O espirito das suas obras é satirico, tendo por alvo a Euripedes. Aristofanes combateu quanto pôde a democracia, na Grecia, e para isso escreveu violentos panfletos de chicana politica muito semelhante á dos nossos dias.

Os anfitriões, de Plauto, constituiu outra parte do sarau. O desempenho desta comedia pelos alunos srs. Felix do Amaral e Otélo de Carvalho, D. Beatriz de Almeida, D. Jesuina de Magalhães e D. Marina Rodrigues, agradou bastante merecendo os aplausos da assistencia.

Marcos Accius Plauto, poeta latino, era da Sorcina, na Umbria, na era de 250 antes de Cristo. Notabilizou-se tanto no teatro como Catão, na tribuna, de que foi contemporaneo. Começou a escrever as suas comedias quando terminou a segunda guerra punica. Sua vida foi muito acidentada, pois tendo ganho grandes somas em construir teatros, perdeu tudo em negocios, chegando a ser moço de moleiro. Atribuem-se-lhe cento e trinta comedias, mas só vinte e uma são consideradas autenticas pelo sabio Varrão, sendo as restantes adaptadas do grego. Plauto não se pôde considerar por profissional das letras, no rigor desta palavra, posto que a literatura foi um incidente na sua vida. Adaptando ou copiando do



TEATRO GREGO — «AS NUENS» INTERPRETADO PELOS ALUNOS D. MARIA GARIN, OTELO DE CARVALHO E LUIZ RIPADO



TEATRO LATINO — OS ANFITRIÕES INTERPRETADO PELOS ALUNOS, D. MARINA RODRIGUES, E OTELO DE CARVALHO

teatro grego o enredo das suas comedias, resente-se de certa monotonia. Viveu muito entre as classes populares, conhecia bem a vida dos escravos, dos parasitas e dos mercadores, e por isso as suas comedias fôram muito populares, escritas na linguagem do povo, de uma graça suaz, que Horacio julgou severamente.

Assim, a sua obra decahiu e por fim acabou á medida que o gosto publico se apurava.

As melhores peças de Plauto são: Os menechmas, O soldado fanfarrão, As bacchides, Epidicus, O mercador, O truculento, O curculio, Cistellaria, O perra; e O anfitrião e A aulularia, que Moliere imitou.

Por fim representou-se a Çakuntala, obra prima do poeta indiano Calidasa. Foi excelente o desempenho do drama pelos alunos sr. Antonio Gouveia, Rosa Mateus, D. Marina Rodrigues, D. Beatriz Batista e Estela Leitão.

Calidasa, segundo a tradição indiana viveu no seculo I da era cristã, na corte do rei Vikramaditya de Ujjaini, contudo ha razões para supôr que viveu no seculo VI. A peça que o tornou mais conhecido para o nosso tempo é o seu drama Çakuntala, descoberto por W. Jones que foi uma sensacional revelação no mundo literario. Do mesmo autor sabe-se haverem ainda duas comedias e atribue se-lhe o poema epico em desanove cantos Raghuvamsa, e o Kumara Sambhava, outro poema em desasseis cantos, etc.

Foi, pois, o sarau do Nacional uma exhibição de obras primas dos teatros grego, latino e indu, em que os alunos da Escola de Arte de Representar, deram provas de notavel aproveitamento e de vocação para a cena.

Este resultado deve-se em boa parte á alta competencia do director do Conservatorio o sr. dr. Julio Dantas, que com tanto amor se está dedicando

ao resurgimento da arte dramatica e, portanto, ao teatro portuguez, fazendo o entrar no verdadeiro caminho de uma escola de estudo de representar, sob os bons modelos.

Que continue e teremos bons artistas dramaticos, se as peças, que tanta vez são forçados a representar, os não estragarem.

C. A.



## A Obra do Bem

### Proteção aos animaes

Um contemporaneo de Pithagoras, referiu, como é sabido, que vendo este maltratar um pobre cão se compadecera do animal, e dissera ao espancador:

«Basta! Não batas, porque reconeci no seu gritar angustiado a alma de um homem, de um amigo.»

E' um erro suppôr que este dito de Pithagoras se prende com a crença da metempsychose. O filosofo quiz assim dizer que a vida existe em toda a parte e que em toda a parte ella deve ser tratada com religioso respeito.

Dedicar-se alguém á causa da proteção aos animaes, companheiros nossos e auxiliares, por vezes valiosissimos, na travessia da existencia, não é tanto advogar a causa delles, quanto rectificar as intelligencias, dilatar os corações, e melhorar a multidão; é verdadeiramente constituir-se campeão do espirito de justiça, de compaixão e de respeito, sem o qual seria impossivel a existencia da ordem moral.



TEATRO INDIANO — «A ÇAKUNTALA» INTERPRETADA PELOS ALUNOS, D. MARINA RODRIGUES, BEATRIZ E ANTONIO GOUVEIA

(Clichés A. Lima)



No caso de injustiça ou de crueldade, de homem para homem, o padecente ou o ultrajado tem voz para indicar o opressor, mas o pobre animal indefeço, ave, peixe ou inséto, não pôde articular a sua queixa, como não pôde associar-se aos seus semelhantes para a defeza mutua. O homem pôde obter indemnisação, de qualquer modo, depois da offensa recebida, mas não a obtém o desvalido animal, quando por ignorancia ou por crueldade, é espancado, atormentado, privado do conforto que lhe é devido.

Tal ordem de considerações assigna a indispensabilidade da existencia de Sociedades Protetoras de Animaes em todos os países civilizados do velho e do novo mundo, porque tão bela obra é como que a Internacional do Bem.

Lisboa, ha 37 anos que conta, entre as suas mais benemeritas instituições, a Sociedade Protetora dos Animaes, devida á iniciativa do eminente cidadão que se chamou José Silvestre Ribeiro. Ele proprio, num opusculo, hoje raro, de que espalhou exemplares em profusão, não só em Lisboa, como em todo o país, explicando quaes os seus intuitos ao fundal-a, escreveu estas memoraveis palavras:

«Vem esta sociedade repetir em Lisboa o que tem sido e é apregoado em Londres, em Paris, em Berlim, em Vienna d'Austria, em Turim, em Florença, em Nova-York, em Philadelphia, em



todos os fôcos de luz e de civilização do velho e do novo mundo.

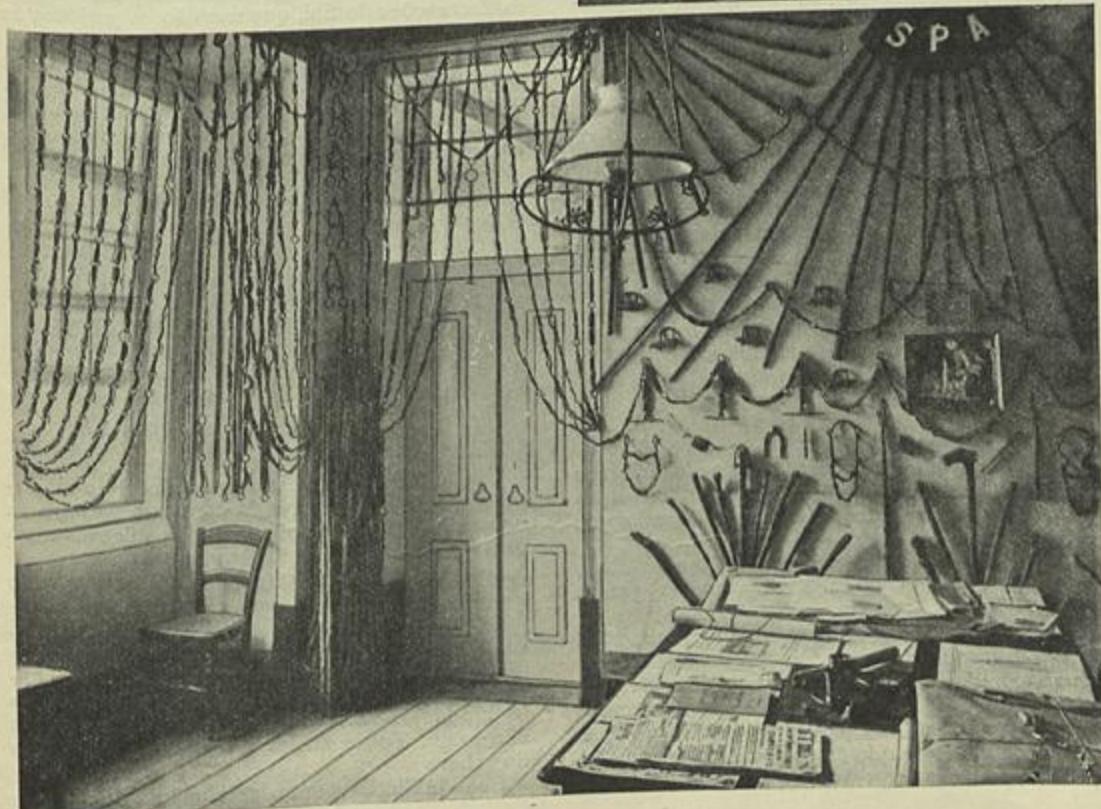
«Não vem prégar utopias nem ocupar-se com piéguices, como assoalham os espirituosos.

«Vem bradar: «Sêde compassivos para com os animaes! — Poupaes-lhes a dôr! — Arredaes deles todos os maus tratos, tormentos, martirios de que em diversas circumstancias são victimas inocentes e indefensas! — Abreviae a sua agonia, á hora em que uma necessidade fatal obriga a aproveitall-os para o alimento do homem!

«Vem despertar a sensibilidade das creaturas humanas, vem fazer a propaganda de sentimentos suaves e misericordiosos, que, applicados aos irracionaes, ou presuppõem o amor do proximo, ou o incitam e arregaem; vem premiar os que mais se distinguirem no desempenho da missão civilisadora que tomou á sua conta; vem apontar á indignação do publico, ou á severa contemplação da lei, um ou outro tigre, com figura humana, que se delicia em torturar o seu companheiro de trabalho, o seu auxiliar na obtenção dos meios de sustento.»

Os fins que essa sociedade tinha e tem em vista, encontram-se bem claramente expressos nos periodos reproduzidos acima. Protegendo os animaes, fomenta a moralisação dos costumes e, portanto, trabalha no proprio aperfeçoamento humano.

Foi nos começos do ano de 1875 que José Sil-



SOCIEDADE PROTETORA DOS ANIMAES — GABINETE DA DIREÇÃO — SALAS DO MUSEU DOS INSTRUMENTOS DE TORTURA APRENDIDOS.

vestre Ribeiro encetou a sua tarefa por meio de varios artigos que escreveu para o *Diario de Noticias* e *Jornal do Commercio*, em que preparava o espirito publico para a installação destas Sociedades no nosso país. Taes artigos, elaborados com o maximo criterio, em linguagem amena e sentimental, produziram o seu benefico efeito, porque fôram seguidos de outros escritos por varias pessoas, que exaltando o pensamento benefico e moralizador que presidia á instituição se associaram á idéa e prometeram coadjuval-a.

Foi depois na sua propria residencia que se receberam, a convite seu, as adesões das pessoas que desejassem contribuir para a realização do seu pensamento: e foi em uma das salas da Associação Civilisação Popular que se reuniram no dia 28 de novembro de 1875, sob a sua presidencia, sessenta individuos, dos muitos que tinham aderido ao convite. Nessa reunião ficou instalada a Sociedade nomeando-se interinamente os corpos gerentes e a comissão encarregada de elaborar os Estatutos, que ainda hoje vigoram.

A obra de José Silvestre Ribeiro, tendo atravessado 37 anos, ahí está de pé, firme e vigorosa, honrando a cidade de Lisboa e honrando, consequentemente, o nosso país, correspondendo-se com as centenas de agremiações congéneres es-

palhadas por todo o globo e a todas ellas levando a convicção de que em Portugal se pensa a par das nações mais adeantadas.

A Sociedade Protetora dos Animaes, acha-se instalada na rua de S. Paulo, 55, 2.º andar, tendo anexos um interessante museu de instrumentos de tortura, que teem sido apreendidos para obstar ao seu barbaro emprego contra os animaes, museu onde se encontram alguns milhares desses objéto atestando outros tantos serviços da benemerita instituição; e ainda um bem montado consultorio e posto de medicina e cirurgia veterinaria, para uso dos animaes pertencentes aos associados e a quaesquer pessoas de comprovada indigencia.

Apresentamos hoje algumas gravuras, copias de fotografias representando alguns aspéto das instalações de tão prestimosa agremiação.



## Cheias e chuvas

O inverno de 1911-2 foi asinalado por fortes borrascas, quasi consecutivas, facto este que se repete geralmente, em média, todos os trinta e cinco annos, como já tivemos occasião de escrever n'esta mesma revista em um artigo referente aos ciclos meteorologicos. Para os entendidos do assunto não era pois de extranhar a vinda de invernos rigorosos, que se tem seguido, após alguns annos de estiagem mais ou menos prolongada. Está na memoria de muitos a celebre invernada de 1876-7, que produziu cheias alarmantes em varias localidades no nosso país, especialmente no Ribatejo, local sempre atreito a essas calamidades, devido á qualidade de terrenos. Este anno, as chuvas fôram menos intensas do que em 1876, embora as inundações fôsem consideraveis, e quasi eguaes á d'esse anno.

A seguir mencionamos um quadro analitico dos invernos mais rigorosos de que ha conhecimento, desde a fundação do observatorio meteorologico de Lisboa, onde se prova que a quantidade de chuva registada durante o semestre que decorre de setembro de 1911 a março de 1912, está muito áquem da que se observou em 1876.

	1855-6	1858-9	1861-2	1864-5	1865-6	1871-2	1872-3	1876-7
Set. .	97. <sup>mm</sup> 5	51.7	6.6	40.8	28.6	141.2	17.9	.1
Out. .	107.5	101.4	176.7	262.7	222.6	61.6	108.1	191.2
Nov. .	69.9	101.3	125.4	60.0	236.2	168.2	66.2	251.1
Dez. .	122.5	85.3	58.6	116.5	60.0	80.1	152.8	388.1
Jan. .	291.6	25.1	115.9	204.8	58.4	176.6	112.1	183.7
Fev. .	99.8	29.5	189.7	50.3	95.7	217.7	100.7	43.1
Mar. .	151.9	5.1	228.5	27.8	128.5	85.5	168.2	60.6
Total	1026. <sup>mm</sup> 7	700.4	901.2	762.9	830.0	930.7	726.0	1128.9

	1878-9	1880-1	1891-2	1894-5	1895-6	1907-8	1911-2
Set. .	31. <sup>mm</sup> 5	6.0	27.5	10.6	202.0	102.4	23.2
Out. .	89.4	151.2	112.2	157.4	171.9	133.7	159.2
Nov. .	152.0	98.0	171.9	109.9	143.1	230.1	96.9
Dez. .	170.6	69.7	48.1	42.4	102.6	122.8	122.8
Jan. .	112.0	274.9	127.3	227.2	12.7	133.8	111.1
Fev. .	118.2	96.4	140.9	232.4	65.7	1.3	215.6
Mar. .	34.4	125.5	164.0	104.9	40.5	48.7	45.0
Total	708. <sup>mm</sup> 1	815.7	791.9	884.8	738.5	772.8	774.4

Apenas nos referimos aos annos em que a chuva atingiu, pelo menos durante os seis mezes citados, uma altura equivalente a 700 milímetros, e que, como se vê, são em numero de 15 durante sessenta annos, o que quer dizer que em média temos um anno chuvoso por cada quatro, mais secos.

Não é necessario descermos muito longe para encontrarmos um anno mais chuvoso que o actual, pois que o inverno de 1894-5, o excedeu em mais de 100 milímetros de chuva, e mesmo o de 1907-8, apenas difere d'este, em 1,6 milímetros. Se, porém, compararmos as chuvas de 1876-7 com as de 1911-2, a desproporção é ainda mais elevada e atinge cerca de 350 milímetros.

Parece que as cheias do Ribatejo deviam acompanhar estes dados, pelo menos aproximadamente, no entanto, vemos annos de mais chuva, e de menores cheias e vice-versa.

As maiores alturas hydrometicas observadas em Santarem desde 1855, teem sido:

Em 1855.....	7 <sup>m</sup> ,20
Em 1879.....	7 <sup>m</sup> ,82 (7 de dezembro)
Em 17 de jan. de 1895	6 <sup>m</sup> ,94
Em 20 » » » » » »	7 <sup>m</sup> ,17
Em 7 » fev. » » » » » »	6 <sup>m</sup> ,53
Em 12 » » » » » » » »	7 <sup>m</sup> ,02
Em 22 » » » » » » » »	7 <sup>m</sup> ,38
Em 26 » » » » » » » »	7 <sup>m</sup> ,57
Em 1912.....	7 <sup>m</sup> ,81

A altura de 1912, é quasi egual á de 1876, apesar da quantidade de chuva ser sensivelmente menor, como dissémos. As causas da grande cheia d'este anno não poderão, pois, ser identicas ás de aquelle anno, tendo de se ir procurar a sua origem a qualquer outro facto.

Não resta duvida que um anno de chuva abundante é sempre um mau anno agricola, e este anno viu-se perdida quasi toda a colheita de cereaes, e outros productos do solo, pois os terrenos embeberam-se em demasiado de agua, inutilizando tudo, e arrastando á miseria milhares de familias. Toda a nossa região do Ribatejo, e a maior parte das povoações do norte de Portugal sofreu as consequencias do grande mal que devastou as principaes colheitas.

São frequentes no nosso globo, as invasões das aguas, que saem furiosamente do seu leito para se arrastarem através dos campos e muitas vezes das cidades, tornando-as intransitaveis.

Para não citarmos senão as principaes, mencionemos varias inundações em alguns pontos do globo e as causas que provocaram.

A inundação do rio Garona em 1875 ficará tristemente celebre. Em 21 de junho iniciaram-se as chuvas, e em pouco tempo, parecia que verdadeiras cataractas se abriam do céu. Em 23, já o Garona era aterrorizador. A chuva persiste, vindo reforçar os seus males o derreter da neve. Tres aldeias são inundadas, e varias outras isoladas. Quando o rio volta á normalidade presenciou-se entre as ruinas: 1.370 casas completamente perdidas. 210 cadáveres além dos que fôram levados pela corrente, e de que se não sabe o numero, e uma perda superior a 300 contos de réis, que não se poderam reaver, pela inutilisação de culturas, estragos de terrenos, etc.

Não menos importante foi a inundação de Murcia, em 1879. Na noite de 14 de outubro, um violento temporal acompanhado de chuva e granizo atacou a Andaluzia. Os rios Segura e Monti fôram transformados em torrentes de agua, e n'uma extensão de cerca de trinta leguas apenas se podia presenciar um lago formidavel. Em Murcia, a agua penetrava nas habitações até alturas de dois andares, em poucas horas, e dos escombros fôram retirados 370 mortos sendo mais de mil, levados pela impetuosidade da corrente. N'uma aldeola perto de Nouernas, morreram todos os habitantes, á excepção do cura que se refugiou na torre da igreja. Este desastre foi ainda repetido em 1884, nos mesmos pontos.

Ainda em 1879, nos primeiros dias de março, as chuvas, coadjuvadas pela neve, invadem os diques protétores da cidade de Hungria, Szegedin.

O Theiss, afluente do Danubio transborda e suas aguas corriam atrozmente pelos campos fóra, de fórma a formar um vasto mar nas localidades proximas, observando se apenas, aqui e ali, as partes mais elevadas dos edificios e chaminés, desaparecendo 800 pessoas. Na maior força do desastre, os soldados tentaram salvar 80 pessoas refugiadas n'um telhado, mas este cedeu ao peso, submergindo-se n'aquella enorme massa de agua.

Frequentes teem tambem sido as cheias do rio Sena, como por exemplo nos annos de 1875, 1832, 1910 e outros.

Em 1886, a cidade de Avinhã foi tambem submergida pelas aguas do Rhodano.

\*  
\*  
\*

A que devemos attribuir a serie de invernos chuvosos que estamos presenciando, uns após outros, succedendo estes, a uns annos de estiagem, consecutivos?

E' o Sol, o principal culpado do facto. O Sol é, como se sabe, uma massa gazosa 1:300.000 vezes maior que a Terra.

Escrevia o abbade Mouret em 1905, que o Sol é uma grande estrella azulada, seus raios são amarelos, devidos a atravessar a atmosfera, e essa estrella é variavel. A' medida que avançam em idade, as estrellas parecem oscilar em manifestações vitais. Emitem radiações por atacado, permita-se-me a expressão, e as suas pulsações

enfraquecem como n'um corpo organizado. Essas pulsações teem logar no Sol com intervalos de onze annos, aproximadamente. Cada onze annos, o seu calor augmenta, erupções gigantescas se observam á sua superficie, consomem-se os gazes, e observam-se n'elle as manchas. Segundo o mesmo sabio essas manchas são devidas simplesmente a um excesso de temperatura provocada pelo Sol, pela precipitação dos gazes exteriores que giram em turbilhão, sem cessar em torno do astro, e que finalmente se aglomeram á massa gazosa. Além d'essas manchas, ha ainda protuberancias, especies de erupções gazosas, de que algumas teem provavelmente origem electrica. De um momento a outro saem da superficie solar, jactos de fogo, attingindo alturas fantásticas, que acompanham sempre as manchas solares e experimentam, como ellas, um aumento, de onze em onze annos.

Todos os 32 annos, as correntes electricas do Sol mudam a sua direção, e a esse facto se attribue os fenomenos meteorologicos variaveis da Terra.

Em 1904, o Sol passou por uma d'essas crises febris até 1907. De então para cá, voltou á normalidade, e á excepção de pequenas crises em 1916 e 1927, só em 1936 se observarão fenomenos identicos.

A temperatura solar subiu de 6.000 a 8.000 graus, provocando uma maior evaporação dos mares, e as moleculas de agua que invadiram a atmosfera, originam chuvas copiosas, que irão augmentando de intensidade, a partir de 1910, e até 1915, aproximadamente; são pois, seis annos seguidos, de chuvas copiosas que se observarão, findos os quaes estas diminuirão de intensidade, até que atingirão o seu minimo cerca de 1936.

O periodo de onze annos, em que o Sol é invadido por uma crise febril, é apenas uma média. Desde 1610, contam-se intervalos de 7 annos, e outros de 15. Além d'isso, ao lado d'essas variações, ha outras de duração maior. Todos os 32 a 35 annos, a intensidade atinge a maxima, é assim que os ultimos periodos de actividade, desde 1837, fôram.

1837 (maxima) — 1848 — 1860 — 1870 (maxima) — 1884 — 1894 e 1906 (maxima).

E' essa a principal causa de varios fenomenos, mais abundantes em alguns annos, do que outros (auroras boreaes, desvios magneticos, abalos sísmicos, etc.).

Vejamos, finalmente, a influencia do Sol em elementos meteorologicos.

A alta da temperatura solar não traz, necessariamente, augmento de calor, em um dado ponto da terra, mas provoca, augmento de evaporação das aguas, como dissémos, e é o vapor que mais tarde se traduz em augmento de chuvas.

A relação entre o ciclo solar de onze annos, e os periodos de chuva maxima não oferecem, pois, duvida.

Desde o seculo x, que as regiões occidentaes da Europa onde se teem feito observações mais rigorosas, teem alternativas de annos chuvosos e secos, que fôram inexplicaveis, muito tempo, mas que hoje se averiguou serem apenas devido ás fluctuações do Sol, que nos dão os periodos de bom tempo e chuva.

E' portanto, de prevêr, que ainda em 1913, 1914 e 1915, as chuvas ocasionem ainda alguns estragos na terra, devendo, a partir d'esse anno, dar-se uma diminuição sensivel, marcando o inicio de uma serie de invernos mais secos.

ANTONIO A. O. MACHADO.



## Bibliografia Portuguesa

Annibal Fernandes Thomás Pippa

Dessa plelade erudita dos bibliófilos e bibliógrafos, engrandecedores da literatura portugueza no seculo xix, vão desaparecendo as figuras mais destacantes pelo valor sapientistico.

Naquelle ocaço invernos de 1910 extinguiu-se o douto enciclopedico Sousa Viterbo. Numa madrugada primaveril perdeu-se o erudito Annibal Fernandes Thomás, em dezembro finou-se o insigne bibliotecario Gabriel Pereira. Era uma trindade eruditissima em bibliografia. «Quasi todos os bibliófilos são ciosos dos seus livros.» Estes não eram. Todos sabios e nenhum monopolista do saber.

Suas bibliotecas eram necrepolis onde predo-

minavam momnientos raros. Não possuíam fécticismo por esta ou aquela especialidade. Coleccionavam, ordeiramente, todos os fragmentos preciosos e catalogavam-nos in mente. Pretendiam uma genealogia ou a istoria tragica dum perfume, lá estavam elementos.

Scalligero dizia: «Quereis conhecer a grande desgraça da vida? Vendei vossos livros.» Conheceu-a Sousa Viterbo. Por angustia como Camillo não, mas presentindo a Morte. Fernandes Tomás e Gabriel Pereira, mais felises, não sentiram essa tortura. Morreram contristados prevendo o desmornar do maior templo portuguez dessa sua religião.

Bem dita a Morte poupando esses fervorosos devotos e doadores, ao verem destruir a Bibliotheca Nacional.

Bem dita a morte quando poupa de desgostos neurastenisantes.

Bem dita ó Morte, mil vezes Bem dita, porque evitas-te essa trindade de finar-se torturada.

Descendente do glorioso libertador Manuel Fernandes Tomás, nasceu Annibal nessa linda Figueira da Foz. Foi a 9 de Abril de 1840. Seu pae foi João Pedro Fernandes Tomás Pippa, sua mãe D. Maria José Fernandes Tomás.

Quando cursava o 2.º ano universitário, uma paralisia impossibilitou seu pae de continuar exercendo o lugar de escrivão de direito na Lousã. Annibal Fernandes Tomaz vae substituir seu pae. Isto era em 1871, e em 1879 appareciam as *Cartas Bibliographicas* reveladoras da sua erudição.

Em 1882 é transferido para o Tribunal da Boa Hora de Lisboa, sendo em 1885 recolocado na Lousã.

Em 1893 fixou residencia em Aveiro, onde decorrido um ano é nomeado Governador Cível d'aquelle districto exercendo esse lugar até 1900, «sempre querido e estimado não só do povo como das autoridades superiores.» Como funcionario exemplarissimo e cultor das letras é agraciado em 1896 com o officalato de S. Thlago. Modestissimo, oferecem-lhe a carta de conselho, e recusa-a.

Durante essa missão consorciou-se com Mademoiselle Mellor Feitas em 1895. Joaquim d'Araujo consagrou-lhe em homenagem *Uma glosa camoniana do seculo XVIII por Joaquim Franco d'Araujo* opusculo pouco vulgar, pois a edição fora de 32 exemplares.

Encontramos, depois, Fernandes Tomás na Figueira. Anclava quedar-se definitivamente na sua vila natal. Desejava viver, entre «os seus livros e os seus gaston uma vida triste, encerrada, monacal e precaria.» Propoe ao municipio ofertar-lhe a famosa livraria, mediante o cargo de bibliotecario. Ingratamente o municipio regeitou a oferta.

Procedeu mal, porque posteriormente seria dispersa essa preciosa coleção bibliografica.

Depois volta a Lisboa. No posto de Desinfeção instala residencia. Aí, visita Annibal Fernandes Tomaz quasi toda a familia intelectual contemporanea. A sua livraria é franqueada aos estudiosos a quem o proprietario incita e presta revelantissimos auxilios. Porem, ignorado do publico. Ninguem o cita ninguem nele fala. E' quando um moço — Albino Forjaz de Sampaio — o biografisa dizendo: «Quem se dedica a afugentar a traça dos velhos livros e quer mais a um quarto poirento do que a uma gravata cara, sabe de ha muito quem é Annibal Fernandes Thomaz. Eu que sou novo n'essas labutas tambem de ha muito o conheço. Conheço-o de umas «cartas bibliographicas,» que em todos os leilões de livros se me escapam, quasi sem lhes pôr a vista em cima, caso vulgar de resto, pois que o seu autor, para conseguir o exemplar que possui, teve que sustentar esforçada pugna. E saiu d'ella como é de vezo sair d'estes combates; com a bolsa bastante mal ferida (1).»

Quando Annibal Fernandes Thomaz, faleceu Rocha Martins, retratou-o como o conheceu: «Avelhentado, o bigode grisalho caído ao canto da boca, um pouco alcachinado, modesto de vestir, fazia o gesto habitual nos surdos, meio a curvar-se, a mão junto ao ouvido, um sorriso nos labios ao ouvir o plano da obra e dizia na sua voz demorada, hesitante.

— Tenho aí muita cousa! Tenho muito do que quer!

Nunca encontrei memoria mais prodigiosa nem mais honesto saber; tirava todas as duvidas e com uma paciencia estranha metia-se nos mistérios da Historia, rebuscando tudo, desde a genealogia de um pagem, á côr do gibão de um rei. Não tinha avarezas proprias dos bibliofilos, loucos, maniacos pelos seus tesouros; não defendia as suas preciosidades dos olhares profanos; antes num gesto largo, as punha á disposição dos estudiosos, remexendo os livros, as gravuras, os manuscritos, sob uma simples indicação:

— A! já sei... Isso vem aqui... Está ali... Espere um pouco...

Levava-nos para as outras casas procurava atentamente e por fim triunfante, com uma simplicidade enorme, acabava: «Cá está!...»



ANIBAL FERNANDES TOMÁS, NO SEU GABINETE

Era sempre um recurso; sempre um grande elemento de consulta. Se a Bibliotheca Nacional não possuía determinado volume, era certo que ele sabia onde encontra-lo e isso succedeu varias vezes em que àquele homem, modesto empregado do Posto de Desinfeção, devi o ser poupado a longas buscas que muitas vezes não me dariam resultado. Coleccionava tudo: jornaes folhas volantes, editaes, proclamações; enriquecia dia a dia a dia a sua bibliotheca onde fui sempre procurar o que noutras não encontrava.

.....  
«Quando a *Ilustração Portuguesa* publicou os os seus artigos sobre os crimes da igreja e mais tarde sobre as sociedades secretas, onde appareciam reis que a elas tinham pertencido, o *Portugal*, num artigo indignado accusava rancorosamente o Fernandes Tomás de ter cedido as suas gravuras para tal fim. Mostrei-lhe o artigo; teve um lampejo no olhar e em vez de se indignar, pegou numa tesoura, cortou o trecho de prosa e dispôs-se a colecioná-lo, dizendo:

— Vou guarda-la... Trata cá da bibliotheca!...» (1)

Um seu biografo conta-nos tambem: «Tendo achado no colossal Balzac, (o Deus Balzac), o nome do florista Constantino, portuguez, fui procurar Annibal Fernandes Tomás.

— Tem algum livro onde se diga alguma coisa a respeito do florista Constantino?...

—... de Sampaio e Melo?

— Não sei se ele tinha esses apelidos.

— Vae ver, e voltando-se, deltoou a mão a um volume que me deu, e onde ví, com algum pas-

mo, que o nosso patricio Constantino trocava de bom grado a honra de ser citado por Balzac e de ser o idolo do Paris da Restauração pelos pergaminhos bastante duvidosos de sua mãe...

Episodios congeneres succediam-se diariamente. Fernandes Tomás possuía entre as preciosidades de maior valia um *cancioneiro* com ineditos de Camões e Pedro d'Andrade Caminha. Noticiam ter Anselmo Braamcamp Freire proposto ao Municipio essa aquesição. Confirmando-se esta noticia dá a Vereação lisbonense um alto exemplo patriótico.

De *ex-libris* organisara uma das mais completas coleções. Infelizmente algum amator estrangeiro a aquesicionará.

Fernandes Tomás legou valiosissima documentação impressa das suas investigações.

Dessas peças difficilimo é reunir a coleção devido á exiguidade das tiragens. Cronologicamente, conglobando as primicias do seu talento com edições a suas expensas concebidas, vou terminar numerando essas quasi raridades bibliograficas:

- 1876 — CARTAS BIBLIOGRAPHICAS. Primeira serie. Coimbra Imprensa Academica.  
1877 — CARTAS BIBLIOGRAPHICAS. Segunda serie. Coimbra Imprensa da Universidade. *A tiragem destas «Cartas» era de cem exemplares.*  
1878 — CARTA ENVIADA PELO DR. JERONYMO MONTARO DE NUREMBERG A EL-REI DE PORTUGAL D. JOÃO ACERCA DOS DESCOBRIMENTOS DOS PORTUGUESES. Traduzida do latim por fr. Alvaro da Torre, monge dominicano e impressa por um bibliofilo. (*Annibal Fernandes Tomás,*) Coimbra. Casa Minerva.  
1879 — BOLETIM DE BIBLIOGRAPHIA PORTUGUESA. Volume 1.º Coimbra. Imprensa da Universidade *continuando com o titulo:*  
1880 — BOLETIM DE BIBLIOGRAPHIA PORTUGUESA E REVISTA DOS ARCHIVOS NACIONAES (*dirigido de colaboração com A. Graça Barreto*). Coimbra, mesma imprensa.  
1880. — TRICENTENARIO DE CAMÕES. 1850-1880. IGNEZ DE CASTRO. Iconografia, historia, literatura. Lisboa, Typ. Castro Irmão, 135 p. com 3 gravuras. *A edição foi de 156 exemplares.*  
1880 — CARTAS DE JOÃO PEDRO RIBEIRO AO ARCEBISPO CENACULO. Coimbra. Imprensa da Universidade. *Nham sido publicadas no Boletim citado*

(Continúa.)

ALVARO NÉVES.



## Coliseu dos Recreios

Opera lyrica

*Aida — Tosca — Trovador*

E' sempre bem recebida a noticia da abertura do *Colyseu* com temporada de opera. Todos os annos no sabbado de alleluia lá temos quasi sempre a opera *Aida* para inicio da temporada lyrica.

A opera de Verdi tem este anno a seguinte distribuição: De Angelis, Marrugati, Granados, Moreo e Boesmi. Todos os cantores fizeram a diligencia por serem applaudidos, assim como o nosso conhecido maestro Petri que foi chamado ao lado dos artistas.

A *Tosca*, tão querida do nosso publico, teve uma execução que agradou sem favor, a sr.ª Elda Cavalieri é uma soprano lyrico de voz agradável e sabe cantar, e como artista revelou ser intelligente.

O tenor Vercher, está bem em scena, a voz é pequena, mas é bem timbrada, a romanza do 3.º acto foi bisada.

O barytono Moreo, delineou bem o papel de *Scarpia* sendo applaudido.

O *Trovador* foi cantado pelos mesmos cantores da *Aida*, excepto o barytono que foi o cantor Nistri. O publico applaudiu o desempenho.

Agora teremos a *Boheme* e outras operas, assim como a estreia d'uma cantora portugueza, discipula de Eugenia Mantelli, a sr.ª Cesarina Lyra que cantará a *Aida*.

No proximo numero fallaremos.

(1) *Lucta* n.º 1418, 29 Novembro 1909.

(1) *Novidades*, n.º 8131, 18 Março 1911.

